



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



XXII

Discurso do Senhor Itamar Franco, Presidente da República, na solenidade de posse de Guilherme Afif Domingos, como Presidente da Confederação Comercial, na Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, RJ, 26 de julho de 1993.

Vejo, neste encontro, o Brasil reunido. O Brasil que se conhece, e, por conhecer-se, se estima e confia em si mesmo. É o Brasil que amanhece todos os dias para o trabalho, este ato central de vida, e pode repousar todas as noites, com a consciência moral intocada.

O trabalho, sabem os senhores, é mais do que o emprego dos braços e da inteligência. A ele deve entregar-se o homem como ser inteiro, senhor de sua liberdade. Com os seus esforços, pode reunir os bens que tornam mais tranquilo o seu futuro e o futuro de sua família, e é no trabalho que ele se realiza como cidadão.

As comunidades humanas são, antes de mais nada, grupos de pessoas que fazem e trocam entre si os produtos de seu trabalho. É neste singelo encontro que as pessoas se descobrem e procuram caminhos comuns de realização social. Só o trabalho edifica as nações.

Aceitei, com prazer, o convite para assistir à posse de Guilherme Afif Domingos como Presidente dessa entidade, não só para participar deste momento de grande significação para os comerciantes e industriais do Brasil inteiro, mas também para trazer aos senhores uma palavra do Governo Nacional.

Estamos vivendo, contra as aparências e o ânimo destrutivo de alguns, um dos momentos mais promissores da História de nosso País. Se é verdade que as crises acumuladas e não resolvidas nos trouxeram a uma situação-limite de injustiça social, é também verdade que não temos outro caminho que não seja o do entendimento e o da solidariedade ativa entre as duas Nações que o egoísmo separou.

Foi a solidariedade que nos garantiu o território e fez os dias mais fortes de nossa História. As bandeiras, a aventura dos garimpos, as lutas que marcaram e asseguraram as fronteiras, a construção de Brasília e a ocupação, inconclusiva, dos vastos territórios do Centro-Oeste e do Oeste, têm sido empresas que só puderam realizar-se graças à predominância da solidariedade sobre o egoísmo. A solidariedade é o exercício ativo da ética.

O Brasil que nós queremos deve ser a associação de homens que só aceitam a prosperidade se ela estiver fundada na honra. Os homens que se enriquecem com sua inteligência e seu trabalho não se constrangem com o êxito, nem ofendem, com a opulência, os que não conseguem o mesmo destino. Mas devem temer a justiça os que, roubando do Estado, roubam de todos; os que montaram e exploraram sistemas de drenagem dos recursos públicos; os que promovem e preservam a desigualdade, porque só podem competir pagando salários que aviltam os trabalhadores e disseminam a miséria.

Senhoras e Senhores,

Moços e Moças,

Temos consciência de que o nosso tempo é curto, e não vamos ocupá-lo no debate estéril com os nossos adversários. Isso lhes interessa, mas não interessa à Nação.

A primeira de todas as missões que a consciência política me impõe é a de restaurar, em nossa gente, a cer-

teza de que a esperança é a antecipação da realidade quando está acompanhada do trabalho e do empenho moral. Este País não é o País dos sonegadores, não pertence aos corruptos, nem aos corruptores. Este País pertence aos homens e mulheres que se olham nos olhos, sem que a face empalideça. É o País de um povo que ergue o seu brio, todas as vezes que o querem envergonhar.

O Estado pode estar desmantelado, e está desmantelado — mas a Nação demonstra o seu vigor. Apesar de infecionado pela inflação e ainda tomado, em alguns setores, pelo desânimo, o Brasil está reagindo com dignidade.

A Confederação Nacional da Indústria, no registro dos indicadores econômicos de maio, que são os mais recentes, informa ser inequívoco o processo de recuperação da atividade industrial.

«O fato mais expressivo» — cito textualmente o documento da CNI — «se refere à continuidade da expansão do emprego pelo quinto mês consecutivo, sendo o resultado de maio o de maior magnitude em todo o ano de 1993».

A economia volta assim a crescer, como sabem, mais do que todos nós, os senhores. Enquanto muitos passam o seu tempo a especular com a moeda e a difundir boatos, a fim de ganhar com a majoração dos juros e a manipulação cambial, o Brasil real trabalha e promove o trabalho em seus Municípios. Muitos dos senhores, talvez a maioria, não se dedicam apenas a uma atividade econômica. Vejo, entre os que me ouvem, empreendedores na agropecuária e na indústria de transformação. São os senhores e os seus companheiros que, indiferentes aos profetas da hecatombe, vão levantando o Brasil, ali onde ele é mais autêntico: no Município.

O Brasil é a soma de seus Municípios — e esta verdade parece esquecida. É neles que os brasileiros nascem, se

educam, trabalham, formam suas famílias, plantam, colhem, produzem. O Município é o módulo do homem e do cidadão. A cidade deve ser a expressão mais forte da democracia.

Indiferentes às crises, os cidadãos de muitos Municípios brasileiros estão realizando uma revolução silenciosa e que poderá dar novas dimensões humanas ao nosso País. Essa revolução se inicia na escolha criteriosa de seus governantes. São Municípios que, não obstante as dificuldades conhecidas, estão resolvendo os graves problemas sociais em sua jurisdição política.

Tendo, como núcleo ativo, quase sempre as associações empresariais, os cidadãos se reúnem, juntam os seus capitais e o seu trabalho, formam empresas e cooperativas, pagam pontualmente os seus tributos e ajudam a administrar a coisa pública.

Meu Governo está empenhado, dentro dos limites da Lei, em descentralizar a administração pública. Estamos implantando, apesar de todas as dificuldades, a municipalização dos serviços de saúde. Deixamos também sob a responsabilidade dos Municípios a aplicação dos recursos da merenda escolar. A mesma providência é adotada com relação às verbas do Ministério do Bem-Estar Social. É um bom começo.

Senhoras e Senhores,

Temos muito o que fazer na reforma do sistema fiscal. É verdade que o Estado cobra muito, mas também é verdade que recebe pouco. Essa situação anômala reclama novo mecanismo tributário que seja mais eficiente e mais justo. O Governo trabalha neste sentido, embora procure fazê-lo, mesmo com a urgência exigida, dentro de critérios técnicos severos. As pressões sobre o Parlamento e sobre

os governos anteriores trouxeram como resultado um modelo iníquo, feito para punir os honrados e premiar os es-pertalhões. É preciso dizer, com clareza, que o setor pro-dutivo vem sendo discriminado também na tributação. A especulação financeira, além de apropriar a parte mais ex-pressiva do Produto Interno Bruto nacional, é ainda privi-legiada no que se refere aos impostos.

Entendo as preocupações do Presidente Afif Domin-gos com relação ao texto constitucional. Como é da natu-reza de nosso Estado Republicano, este é um assunto do Congresso.

Sem interferir em sua soberania, pretendo encaminhar ao Parlamento as sugestões aconselhadas pela experiência do Poder Executivo. Como é natural, tais sugestões pode-rão ser aceitas ou rejeitadas, uma vez que cabe ao Con-gresso estabelecer os limites e a amplitude da revisão pre-vista pelo Ato das Disposições Transitórias da Constitui-ção de 1988.

De qualquer forma, não intervirá o Poder Executivo no processo previsto de alteração de nossa Carta Política.

A tarefa mais urgente de nosso País é a do combate à inflação. Por isso mesmo quero fazer-lhes um apelo forte: dêem a sua contribuição para que possamos restaurar a dignidade da moeda nacional. Procurem manter os seus preços dentro dos limites razoáveis, evitando o que se con-venciona chamar de remarcação preventiva. São as «re-marcações preventivas» que empurram os preços para o al-to e estimulam o conflito distributivo.

Reunimo-nos, quarta-feira passada, com parlamenta-res e representantes dos trabalhadores e dos empresários, a fim de discutir a situação econômica nacional, diante da justa reivindicação de reajustamentos mensais de salários.

Concordamos todos em que o País exige esforço conjunto a ser desenvolvido pelos trabalhadores, pelos empresários, pelo Congresso Nacional e pelo Governo, nos próximos dias, com o objetivo de integrar o Brasil no combate à inflação, na defesa da capacidade de compra dos assalariados, e na ampliação das disponibilidades do Tesouro Nacional.

Quarta-feira próxima voltaremos a nos reunir, já para o exame de medidas concretas que serão até lá analisadas pelos assessores técnicos das instituições e entidades participantes. Como é decisão deste Governo, não tomaremos conhecimento de qualquer proposta de choque, de prefixação de preços e salários ou de violação das regras vigentes. O nosso propósito é o de combater a inflação promovendo o crescimento econômico e assegurando maior participação dos salários na renda nacional.

Não iremos cair na tentação das chamadas «medidas de choque», e estamos deixando isso bem claro. O que o momento nos exige é a busca de soluções definitivas para o problema. Isso reclama o sacrifício de todos. Não tememos dizer que devemos estabelecer um programa de emergência para o combate à inflação. Nessas condições, conforme diz o Primeiro-Ministro Felipe Gonzalez, todos perdem um pouco, para que todos ganhem. Espero que, quarta-feira próxima, todos nós estejamos reunidos pensando no que devemos ceder, e não no que pretendamos ganhar.

Este é um povo que, em todas as áreas do saber e do fazer, demonstra a sua capacidade, todos os dias. Os nossos cientistas, com toda a precariedade de seus recursos, vêm dando sua contribuição ao conhecimento universal; não obstante o altíssimo custo do dinheiro; os nossos trabalhadores, mais do que todos os outros agentes da pros-

peridade, revelam o seu amor ao País, apesar das terríveis dificuldades por que passam.

Desgraçadamente a injustiça e o egoísmo crescem para transformar as ruas de nossas grandes cidades em labirintos do inferno. O massacre de crianças tão perto de onde agora nos reunimos deve doer em nossa face como bofetada humilhante.

Todos nós estamos sujeitos ao sofrimento. Todos nós perdemos pessoas próximas de nosso afeto, atingidas pela fatalidade. Mas é terrível quando nos deparamos com a banalidade dos assassinatos nefandos, como os de sexta-feira última.

Para que construir cidades imensas, com seus altíssimos edifícios e suas mansões cheias de risos e de luzes, se suas esquinas são matadouros de crianças? Como podermos ser felizes junto às nossas famílias, quando o silêncio da noite é violado pelos estampidos e pelos gritos de pavor de crianças indefesas?

Agradeço-lhes me terem convidado a participar da cerimônia de hoje. Peço-lhes que nos ajudem nestes duros meses que aguardam o Governo. Não lhes posso prometer senão a minha própria honra, os meus esforços e o meu respeito pela Nação, que se estampa na face de cada um dos brasileiros dignos de sua cidadania, e que se reflete nos olhos de cada uma de nossas crianças.

Vamos, todos unidos, fazer a Pátria que merecemos.

Muito obrigado.